

NOTAS SOBRE
O LATIM NO BRASIL

*Mulher que sabe latim: representações;
Rosa, Rosa, Rosae: representações sobre o
professor de latim*



LATINĪTAS:

Uma introdução à língua latina através dos textos

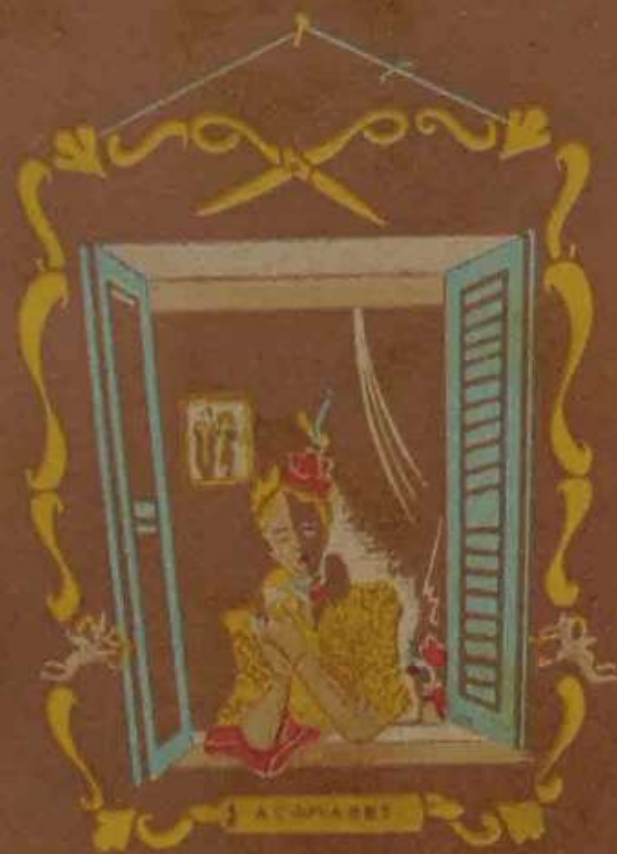


NALPE
NÚCLEO DE ANTIGUIDADE
LITERATURA, PERFORMANCE E ENSINO

MÁRIO NEME

Mulher que sabe latim...

CONTOS



FLAMA

Mulher que sabe latim: representações

Mulher que sabe latim: representações

[Texto de Daniele Leitão]

Em 1942, vem a público um livro de contos de título sugestivo: “Mulher que sabe Latim”, de Mário Neme. O título do livro faz referência a um provérbio português que diz: “Mula que faz Him! e mulher que sabe latim, raras vezes tem bom fim.” O provérbio tem várias versões:

Mulher que fala latim e burra que faz “him!” sai-te para lá meu cavalim.

Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz “im”.

Mulher que fala latim, burra que faz “him!” e carneiro que faz “mé!”, libera nos et dominé.

Pedros, burros velhos, terras por cima de regos, burra que faz “him!”.

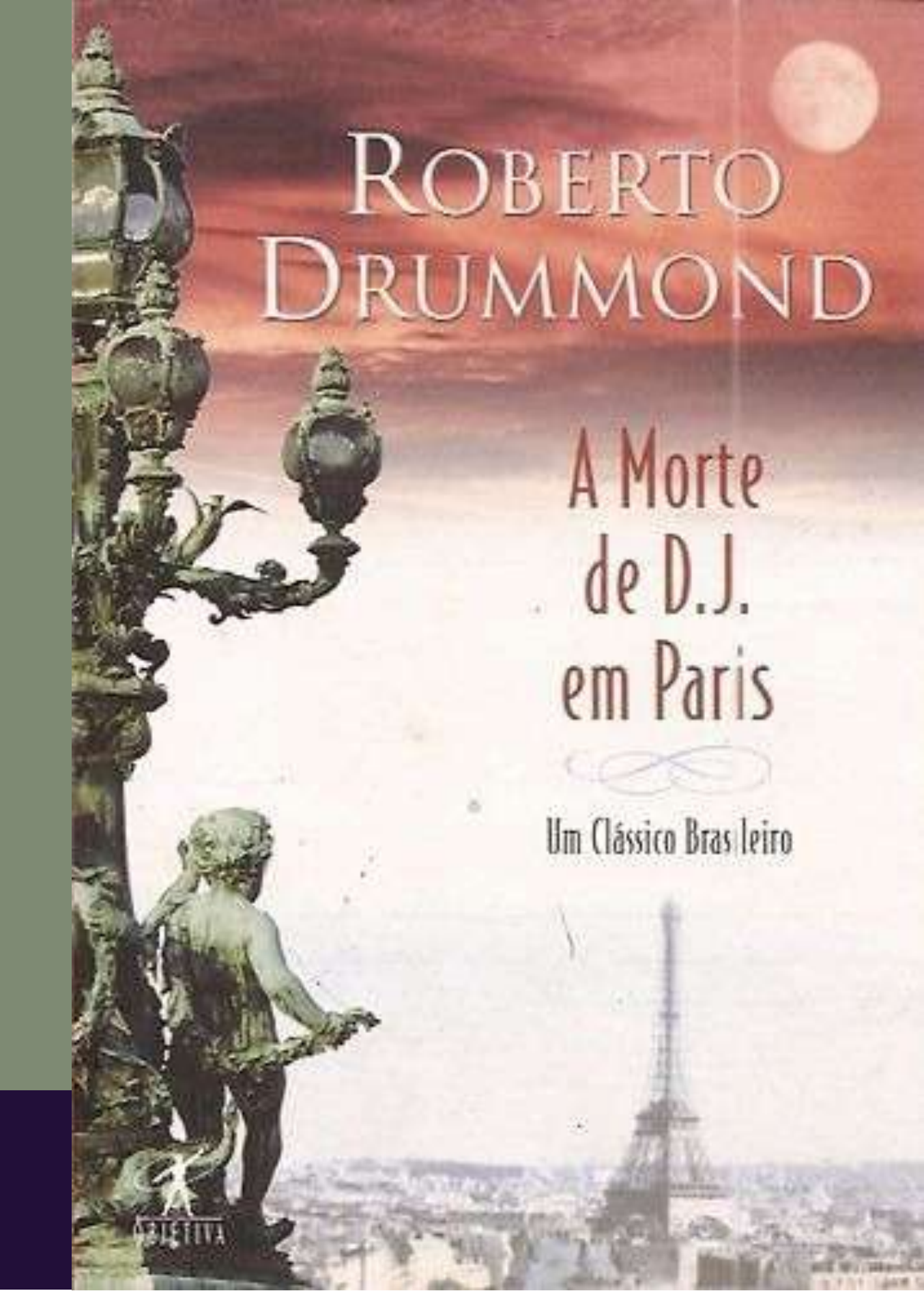
Esse provérbio surgiu a partir da opinião enunciada no séc. XVII por D. Francisco Manuel de Melo, alertando sobre o latim e a sua periculosidade, tornando a língua totalmente desaconselhada às mulheres, pois o saber latim estava entre outros saberes que as mulheres não podiam dominar.

Por meio do ensinamento de latim, segundo se acreditava, poderia vir muito conteúdo nefasto, o que desde logo aponta para uma censura de textos, que existiu ao longo dos séculos, por serem considerados impróprios no seu conteúdo.

O conto que dá nome à obra abre o livro e lhe dá o título. Fala de uma mulher rixosa chamada Ernestina, que logo nas linhas iniciais entra de supetão na sala com um ar de valentia, “que nem ventania de furacão”, fazendo seu esposo Robertinho se esconder, receoso, para não escutar os gritos da mulher.

Mario Neme descreve uma mulher grosseira, de torpe falar, sem educação, que, a partir do conhecimento que tinha do latim, quebrou com os estigmas da sociedade em que vivia. Ernestina no fim do conto engana seu esposo. Este, envergonhado, grita para os quatro cantos que fora traído, xingando sua mulher de meretriz. Ernestina, por sua vez, entra em casa e faz de conta que nada estava acontecendo e seu esposo se cala diante da situação.

Na costura do conto, o latim traz poder para esta mulher, pois ela não era como as outras esposas da sua época, subservientes ao seu esposo. A inversão de posições no casamento também é muito visível já que quem é traído é o homem e não a mulher; quem se cala ante a traição é o homem. E não se faz nenhuma referência se ele também sabia ou se não sabia o latim. O que sabemos, diante do conto, é que o fim que todos esperávamos que Ernestina tivesse, de acordo com o provérbio, não se cumpriu.



ROBERTO
DRUMMOND

A Morte
de D.J.
em Paris

Um Clássico Brasileiro

Rosa, Rosa, Rosae:
representações sobre o professor de latim

Rosa, Rosa, Rosae: representações sobre o professor de latim

(Roberto Drummond, *A morte de D. J. em Paris*)¹

O jornalista e escritor Roberto Drummond nasceu em Ferros, Minas Gerais, em 1933. Seu primeiro livro lançado foi *A morte de D.J. em Paris*, em 1971. Relançado em 1975, foi premiado com o Jabuti de autor revelação. Entre seus sucessos, encontra-se o romance *Hilda Furacão*, de 1991, que foi adaptado para uma minissérie de TV em 1998. Morrerá por ocasião da Copa do Mundo de 2002, por problemas cardíacos, no dia de uma partida das quartas-de-final entre Brasil e Inglaterra.

Em *A morte de D. J. em Paris* encontra-se o conto *Rosa, Rosa, Rosae*, em que observamos as representações do professor de latim de uma época em que a memorização dos casos era mais importante do que o entendimento da língua e de seus textos. O humor no texto está justamente no uso de palavras portuguesas combinadas com as terminações latinas. Leia, então, um trecho do conto e se divirta!

¹ Agradecemos ao Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos pela indicação desta fonte.

Rosa, Rosa, Rosae

Rosa, Rosa, Rosae na aula de latinorum do Prof. José Evangelistorum só as moscas voorum, ninguém piorum. Rosae, Rosa, Rosam por qualquer coisorum o Prof. José Evangelista relampeorum, trovejorum. A todos castigabus, gritava Violeta, Violetae, Violetorum escrever mil vezes vezorum nunca mais hei de mascar chicles chicletes chicletorum na aula de latinorum. Paulo Paulos Paulu ficabus de joelho lá na frente frentorum e se outra vez eu te pegorum, dominus, domine, domini, o Prof. José Evangelistorum a mesa esmurrorum na aula, aula, aulae de latinorum, como um Joe Louisorum, a mesa, mesa, mesae nocauteorum.

Calça, calça, calçae quase pega frangorum, cruz crudibus na lapela, o Prof. José Evangelista 12 anos passorum na soli, solidão, solidorum do seminário. Nunca ridibus, semper serius e de meia preta, o colarinho da camisa encardido encardidae, as pontas viradas, nos olhos duas olheiras cor de uma 6^a feira da Paixãozorum. Só de entrar na sala, lá vem El Tigre Tigrorum, todos tremorum, aos alunos fuzilorum com seu olhar de lobisomem lobisomorum e todos tremiam peronia seculo seculorum.

Mosca, mosca, moscae, onde o Prof. Evangelista idibus as moscas atrás voorum, zumbidorum, desrespeitorum querendo entrar no nariz, na boca, bucae, bocorum do Prof. José Evangelistorum. Dominus, domine, domini, o Prof. José Evangelistorum as moscas abanorum, prudens, prudens, prudentis todos ficavam calados, mas no recreio, longe do olhar do lobisomorum, gritavam qui, quae, quod com as moscas ninguém pode.

[...]

Fonte: DRUMMOND, Roberto. *A morte de D. J. em Paris*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

